



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TALITA SIQUEIRA CRUZ

**O PRIMEIRO SONHO DE TALITA: A TRAJETÓRIA DE UMA ALUNA DO ENSINO
MÉDIO À FORMAÇÃO DOCENTE**

FORTALEZA

2023

TALITA SIQUEIRA CRUZ

O PRIMEIRO SONHO DE TALITA: A TRAJETÓRIA DE UMA ALUNA DO ENSINO
MÉDIO À FORMAÇÃO DOCENTE

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C965p Cruz, Talita Siqueira.
O Primeiro Sonho de Talita : a trajetória de uma aluna do ensino médio à formação docente / Talita Siqueira Cruz. – 2023.
52 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.
1. Experiências Educacionais. 2. Narrativa Autobiográfica. 3. Formação Docente. I. Título.
CDD 570
-

TALITA SIQUEIRA CRUZ

O PRIMEIRO SONHO DE TALITA: A TRAJETÓRIA DE UMA ALUNA DO ENSINO
MÉDIO À FORMAÇÃO DOCENTE

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Biológicas do Departamento de Biologia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Aprovada em: 12/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Isabel Cristina Higino Santana
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha vó Tina.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar esse texto de agradecimento pelos meus pais. Ana Marcia e Marcelo. Que tiveram o sonho de me ter, iniciaram o sonho da minha vida, me colocaram no mundo e sempre me deram todo amor, carinho, apoio, suporte e todo tipo de incentivo e ensinamento possíveis. Esse trabalho não teria sido escrito sem o trabalho incansável dessas duas pessoas maravilhosas que me criaram. Para agradecer devidamente eu teria que passar a minha vida inteira tentando. Obrigada por tanto. Minha mãe sempre um grande exemplo de professora, de compreensão e de seriedade, e meu pai sempre um grande exemplo de força, de honestidade e de sagacidade carioca. Amo vocês.

Em segundo lugar, muito obrigada professor Roberto, por ter sido um verdadeiro mestre e orientador durante toda essa graduação, você me inspira como cidadão e como docente. Espero um dia poder inspirar tantas pessoas como o senhor faz. Se hoje defendo a educação com tanto vigor e embasamento é graças ao senhor que me mostrou Paulo Freire e que guiou diversos passos meus nesses anos. Obrigada.

Agradeço também à toda minha família, em especial minha tia Silvia, outro grande exemplo de professora e de mulher em minha vida. Obrigada por todo apoio, tia! À minha avó Ana que sempre me deu carinho, incentivo e ótimas histórias para me entreter. Obrigada por ser essa grande mulher, grande mãe e grande avó que você é! À minha prima Maíra por todos os conselhos, risadas e apoio durante toda minha vida. À minha prima Thamires por todas as partilhas e por todo o incentivo. Ao meu tio postiço Geraldo, muito obrigada por todos os momentos incríveis e por toda ajuda sempre. E à minha madrinha Gisele, por ser a melhor madrinha do mundo.

Em seguida, sou extremamente grata aos meus amigos de longa data, que me acompanham e me apoiam nos bons e maus momentos. Sem vocês a vida seria insuportável. Thaís, Anna Júlia, Marília, Stefany, Alisson, Ruth, Giovana, Francisco, Letícia, Maida, Ingrid e Fernando.

Aos amigos que a UFC me deu de presente, meu muito obrigada mesmo! Não teria conseguido chegar até aqui sem o amor, a companhia e o incentivo de vocês. Minha vida ganhou novas cores e emoções com vocês. Lívia, Victória, Wilker, Ramon, Italo, Lua, Paulo, Yara, Emanuely, Maya, Arthur, Eduardo, Heitor, Raquel, Flávio, Caleb, Lia, Letícia Alves, Amanda e Davi. E obrigada igualmente a minha turma de 2017.2, guardo com carinho os momentos com vocês.

Obrigada, Luan, por todos os momentos de amor, diversão, alegria, aprendizado, partilha, companheirismo e leveza desde 2019 até hoje.

Obrigada à Leide que sempre cuidou de mim e da minha casa. Sem você a vida seria muito mais difícil, muito mais sem graça e com muitas reflexões a menos. Obrigada por tudo, sempre.

Obrigada também, Bruno Pontual, meu psicólogo, por todas as sessões de terapia que me fizeram aprender e permanecer na caminhada, às vezes difícil, que é a vida.

Obrigada à Deus, à Mãe Terra, ao Universo, e a todos os seres, às entidades e às divindades existentes que me guiam e me protegem durante a vida neste plano.

Também agradeço imensamente todos os espaços, e as devidas pessoas responsáveis por eles, que me proporcionaram grandes vivências e aprendizados nesses anos de graduação. Coral do ICA - todos os coralistas e toda a equipe; PIBID Biologia - professor Roberto e todos os colegas de bolsa; Projeto Novo Vestibular - toda equipe pedagógica; Residência Pedagógica - professor Raphael, professora Cíntia e todos os colegas de bolsa; Iniciação Científica no Laboratório de Fitogeografia - professora Tchesca e Leal; Iniciação Científica em Educação Ambiental - professora Raquel e Gepenci; Centro Lemann - professora Carla e grupo de mentoria; Diretório Acadêmico - todos os meus colegas de gestão; ENEBio - todas as pessoas que compõem a entidade; ONG Jovens Pela Diferença - todos os voluntários; Clube do Livro dos Indecisos - todos os leitores e minha turma de Libras no Creacee.

E obrigada Universidade Federal do Ceará por ter sido minha casa durante esses anos e por ter me proporcionado tantas experiências essenciais para eu ser quem sou hoje. Muito obrigada por toda educação pública de qualidade.

Meu 'muito obrigada' a todos os professores com quem eu tive o prazer de aprender, de refletir e de criticar ao longo desses anos de formação básica e superior. Levo no coração cada um de vocês. Em especial o professor Randall, o professor Oliveira, o professor Nelson Campos, a professora Karla, a professora Vanessa, o professor Ronaldo, a professora Cíntia e a professora Carla.

Obrigada também à todas as pessoas que cruzaram meu caminho, por muito ou pouco tempo, e de algum modo me ajudaram nesse processo que é aprender, cursar uma graduação e escrever um trabalho final.

Obrigada você que está lendo esse texto.

E quase por último, mas nem por isso menos importante, queria deixar registrado meu agradecimento a mim mesma. Obrigada Talita, por ter persistido, por ter se cuidado e por ter

tido a coragem de enfrentar diversos medos e bloqueios durante essa trajetória que foi a graduação e o trabalho de conclusão de curso. Siga sempre em direção dos seus sonhos.

Agora sim, por último, mas de fato nem um pouco menos importante (pelo contrário), finalizo meus agradecimentos agradecendo a minha vó Tina, que já está em outro plano, mas que queria muito que eu me formasse. Obrigada vovi, por todo apoio, por todo empoderamento que você nem sabe que me deu, por todo amor e por todos os aprendizados e momentos inesquecíveis que eu tive ao seu lado, até seu suspiro final. Amo você para sempre.

“O papel tem mais paciência do que as pessoas.”

Anne Frank

“Falo não por mim mas por aqueles sem voz... aqueles que lutaram por seus direitos... seu direito de viver em paz, seu direito de ser tratado com dignidade, seu direito à igualdade de oportunidade, o seu direito de ser educado.”

Malala Yousafzai

“Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.”

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Neste presente Trabalho de Conclusão de Curso, o qual utiliza o método de narrativa autobiográfica, o intuito é retomar as vivências da autora e a importância destas para sua formação docente. Dessa forma, tem como objeto de estudo as mudanças de percepções que ocorreram desde a educação básica até a criação deste trabalho, no final da graduação. Dentre os objetivos estão: descrever as experiências marcantes que promoveram reflexões importantes para a futura docente, além de dialogar com os autores propostos como referencial teórico, com foco na pedagogia freiriana. Ademais, ampliar as perspectivas de formação docente provenientes de um viés autobiográfico. O percurso metodológico foi feito a partir da busca e do relato das experiências vividas de modo a interpretar o significado destas e analisar quais mudanças puderam ser observadas. Por conseguinte, a fundamentação teórica é embasada em Lima, Geraldi e Geraldi (2015) por meio da justificativa do uso deste método de narrativa, a fim de valorizar as pesquisas que envolvem os sujeitos da própria pesquisa, recurso bastante utilizado em pesquisas qualitativas, enfatizando a importância destas para o campo da educação. A partir do diálogo das diversas vivências relatadas com os autores selecionados é possível perceber o valor das experiências vividas em todos os âmbitos da formação superior, além de ressaltar o significado da escolha da profissão docente no cenário atual da educação brasileira.

Palavras-chaves: experiências educacionais; narrativa autobiográfica; formação docente.

ABSTRACT

In the present Course Completion Work, which uses the autobiographical narrative method, the intention is to resume the author's experiences and the importance of these for her teaching education. In this way, the object of study is the changes in perceptions that occurred from basic education until the creation of this work, at the end of the undergraduate course. Among the objectives are: to describe the remarkable experiences that promoted important reflections for the future teacher, in addition to dialoguing with the authors proposed as theoretical reference, with a focus on Freirian pedagogy. Furthermore, to expand the perspectives of teacher education from an autobiographical perspective. The methodological path was based on the search and the report of lived experiences in order to interpret their meaning and analyze what changes could be observed. Therefore, the theoretical foundation is based on Lima, Geraldi, and Geraldi (2015) through the justification of the use of this narrative method, in order to value research involving the subjects of the research itself, a resource widely used in qualitative research, emphasizing its importance for the field of education. From the dialogue of the various experiences reported with the selected authors, it is possible to perceive the value of the experiences lived in all areas of higher education, in addition to highlighting the significance of the choice of the teaching profession in the current scenario of Brazilian education.

Keywords: educational experience; autobiographical method; teacher education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEBio - Entidade Nacional de Estudantes de Biologia

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EPD - Encontro de Práticas Docentes

HB - Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Hermino Barroso

ICA - Instituto de Cultura e Arte da UFC

IPEC - Instrumentalização Para o Estudo/Ensino de Ciências

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNV - Projeto Novo Vestibular

PRP - Programa Residência Pedagógica

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFC - Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	O INÍCIO DO SONHO.....	14
1.1	Justificativa do sonho.....	18
1.2	Meu percurso metodológico para sonhar.....	20
1.3	Por que uma narrativa autobiográfica?.....	22
2	SONHANDO ANTES E DURANTE O ENSINO MÉDIO.....	24
2.1	O que eu me lembro do período do ensino médio?.....	26
3	SONHOS E VIVÊNCIAS NA GRADUAÇÃO.....	33
3.1	Período pós PIBID.....	36
3.2	Continuidade do sonho.....	43
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SONHADORA.....	48
5	Epílogo.....	51
6	REFERÊNCIAS.....	53

O INÍCIO DO SONHO

Minha trajetória com o TCC se inicia no meio/início da graduação, com a disciplina de IPEC V (Instrumentalização para o Ensino de Ciências V), em que nós, estudantes de Ciências Biológicas somos colocados a pensar em um tema para o nosso TCC e em uma metodologia de pesquisa. Tendo isso em vista, um caráter de treino, para nós aprendermos como pesquisar e organizar nosso trabalho final.

Dessa maneira, na época eu escolhi escrever sobre arte e educação, caso não esteja enganada, pois já faz alguns anos, e eu não tenho uma memória excelente. Pode ter sido arte e ensino de ciências também. Mas enfim, me recordo do termo arte pois na época eu fazia parte de um coral do Instituto de Cultura e Arte da UFC e era uma experiência que me ensinava diariamente, não só a cantar, mas também me preenchia, e me dava ânimo para querer continuar. Por causa disso tudo eu acreditei que como futura professora, meu papel era aliar o encanto e os benefícios da arte com meu ofício docente.

Porque não escrever meu TCC embasado em algo tão encantador, bonito, em uma grande estratégia didática e, ainda, uma forma de "militar", ao meu ver, (afinal a arte é sempre atacada e menosprezada no Brasil) e também de resistir.

E assim cursei, aos trancos e barrancos, a disciplina. Pensei que fosse reprovar, pensei em desistir, estourei prazos, tentei seguir modelos... No fim, acabei fazendo o que dava com o pouco tempo e conhecimento que tinha para não reprovar a disciplina. Meio que: vou fazer para passar.

A graduação seguiu, o coral terminou para mim, depois de um lindo espetáculo cênico chamado Fé, sobre vários tipos de crenças, realizado em maio de 2019. Mas minha jornada com a arte cantante tinha terminado ali, pelo menos até hoje. E talvez por isso, mas também por como minha graduação continuou, empenhada em já ter vivências como professora e em aprimorar meu fazer pedagógico e, ao mesmo tempo, pesquisar. Juntamente com o movimento estudantil me perpassando também e uma pandemia que surge em 2020.1, no meu sexto semestre... Por tudo, isso a arte e educação, a arte e o ensino de ciências parou de fazer tanto sentido e eu comecei a surtar tentando achar outro tema.

Afinal nessa altura, já na pandemia, em 2020, eu já estava oficialmente com mais da metade do curso concluído. Me preocupando em ter mais coisa para fazer, mais vivências,

mais currículo, mais experiência extracurricular e em organizar os próximos semestres para me formar logo. Já que a pandemia me fez ficar quatro a 5 meses sem aula em 2020 (compreensível e necessário) porque vários alunos não tinham condições de assistirem aulas online, vários outros estavam tentando sobreviver em meio ao caos e todo mundo estava perdido no colapso global.

Nesse contexto, eu fui fazendo todas as disciplinas possíveis da forma que dava. Assim eu me atribuí bastante, contudo consegui adiantar muita coisa. E no semestre de 2020.2, que ocorreu em 2021, eu me matriculei em seis disciplinas, quatro voltadas para educação, uma introdutória de matemática obrigatória e outra obrigatória de botânica. Porém duas dessas de educação foram essenciais para eu ser quem eu sou hoje e ter os interesses de pesquisa que tenho hoje.

Estrutura, Política e Gestão Educacional e Formação Intercultural. A primeira me fez conhecer o tema do TCC em que passei mais de um ano formulando, me pensar em pós graduação, me deu sentido para querer escrever um trabalho de conclusão de curso e também um sentido para trabalhar em prol de um mundo melhor. Por assim dizer, com um pensamento bem freiriano, por meio da educação, da minha prática docente, da minha pesquisa (TCC) e da minha prática em sala de aula, desde então, transformar pessoas com a possibilidade do pensar, de criar novas perspectivas, e assim, transformar a sociedade brasileira, tão desigual e com tantos problemas históricos para resolver.

A disciplina “Estrutura, Política e Gestão Educacional” me fez conhecer o contexto sociopolítico educacional em que nos encontrávamos, pandemia em governo Bolsonaro, e me fez aprender o histórico até chegarmos no hoje, e dessa forma, como a escola, de fato, não está alheia de modo algum desses processos políticos todos, pelo contrário, acredito eu, Paulo Freire e alguns outros... a escola, o currículo escolar, são ambientes, são territórios disputadíssimos. Pois além de dar dinheiro, vai ser interesse de quem que os alunos da escola pública, das massas, obtenham conhecimentos capaz de fazê-los questionar suas condições injustas de vida? Obviamente não são os políticos corruptos, empresários riquíssimos e banqueiros detentores do poder econômico que estão interessados nisso. Ainda mais sabendo que conhecimento é poder e que tendo conhecimento somos capazes de mudar realidades. Destruir a manutenção do sistema.

Isso me deu propósito, isso me faz querer pesquisar sobre políticas públicas educacionais e assim cheguei no tema: realidade do aluno e currículo de ciências. Esse currículo de hoje corresponde à realidade do aluno? Faz sentido para ele? E se não faz, por que não?

Em 2021 esse tema nasceu, passei a ter orientações e a ler e pesquisar sobre isso. A professora da disciplina mencionada aceitou me orientar e fiz uma disciplina optativa com outro professor muito importante na minha graduação para desenvolver um projeto de pesquisa inicial. Já em 2022, tempo escolhido para eu terminar o curso defendendo o TCC, eu não consegui desenvolver o tema corretamente, nem escrever a tempo, pesquisar e ler mais, paralisei com as dificuldades da escrita. Assim entrei num período sombrio, deprimida, mas que terminou no início de 2023, com o começo desse trabalho aqui.

Mas antes dos finais, preciso falar de Formação Intercultural, a outra disciplina importantíssima de 2020.2. Disciplina a qual abordou diversas questões sobre preconceitos e reprodução de opressões na sala de aula. Como ser uma professora que não reproduz e não deixa preconceitos serem reproduzidos em sala de aula? Eu nunca havia entrado em contato com esse tema em nenhuma disciplina anteriormente. O que retorna a falar: a escola é um micro espaço da sociedade e tudo que acontece na sociedade acontecerá, numa escala menor, lá dentro também. Algo até bobo de tão óbvio, mas algo que não se fala (até o óbvio precisa ser dito, falam na internet). Pelo menos em toda minha formação: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Graduação; nunca desconstruíram a imagem de bolha que eu tinha. E que muitos tentam passar (principalmente na escola particular), que o aluno vai chegar e aprender e o professor chegar e ensinar, fim.

Como se não houvesse toda a amplitude de contextos que perpassam os alunos, professores, pais, gestão pedagógica e funcionários. Como se tudo que acontece fora da escola não pudesse acontecer dentro dela, e nós, como professores, precisamos ter um preparo teórico-prático e pedagógico para conseguirmos exercer nosso papel tendo ciência da necessidade de não reproduzir preconceitos e de lidar com os temas sociais que surgirem.

Como ensinar uma sala cheia de pessoas diferentes? Meninos, meninas, meninos, gays, lésbicas, héteros, bis e assexuais? Pretos, indígenas, brancos e pardos? Imigrantes, descendentes de japoneses? Gordos, baixos, altos, magros, autistas, pessoas com TDAH,

surdos, deficientes físicos? Pessoas mais velhas (no EJA)? Cristãos, ateus, espíritas, umbandistas... Cis e transgêneros.

Nesse pensamento de diversidade, de ensinar uma sala de aula cheia de pessoas diversas é válido lembrar o que Laraia (1986, p. 67) traz sobre cultura,

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante.

E o professor não pode ministrar aula alheio a isso, afinal cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos (LARAIA, 1986, p.101).

A sociedade é diversa, pobres, ricos, bolsistas, não bolsistas... assim é o público da escola também. E assim sendo, muitas opressões e preconceitos podem acontecer, acontecerão e acontecem. E eu como professora preciso lidar com isso. Como diz Pereira (2021, p. 131) “A sala de aula não deve ser um lugar de exclusão de ninguém”. Preciso estar preparada para saber lidar com isso e preciso intervir quando necessário. E esta disciplina foi o início do meu contato com esse assunto. E essas questões todas, das duas disciplinas, me fizeram ingressar em um Programa de Pesquisadores em Início de Carreira do Centro Lemann para trabalhar com Equidade em Educação.

Levar todo esse conjunto de saberes para dentro das escolas é possibilitar o reconhecimento de identidades que até hoje foram silenciadas, negadas, acorrentadas, o que me faz chegar nessa encruzilhada, que reconheço como um território potente para projetarmos outro contexto civilizatório, mas neste momento, assumindo o protagonismo das nossas próprias histórias. (PEREIRA, 2021, p. 10).

E esta é a situação em que me encontro hoje e inicio esse trabalho, após muitas vivências e percalços, decidi mudar de tema e relatar, nessa narrativa autobiográfica, toda a minha história na graduação de Ciências Biológicas - Licenciatura, de uma discente se preparando para ser docente e as mudanças que aconteceram nesse caminho, comparando também com quem era a Talita do ensino médio, antes do início deste percurso e quem foi se tornar a estudante em formação docente Talitinha. Quais eram minhas visões sobre educação e docência antes, no ensino médio de uma escola particular católica, e as visões que foram se construindo de uma licencianda de Ciências Biológicas em uma Universidade pública.

A partir deste relato esclareço como cheguei até aqui e um pouco da minha perspectiva para iniciar a pesquisa. Assim, o presente trabalho foi desenvolvido buscando alcançar os seguintes objetivos:

- Entender e relatar as mudanças de perspectiva da estudante de ensino médio e da estudante de graduação em formação docente;
- Descrever as experiências que promovam reflexões e quebra de paradigmas no âmbito da formação docente;
- Utilizar a minha experiência para dialogar com o campo da pedagogia freireana;
- Buscar ampliar as perspectivas de formação docente a partir de um trabalho autobiográfico.

Justificativa do sonho

A realidade da educação brasileira é algo que eu, como cidadã, demorei para conhecer e reconhecê-la, pois até meus 18 anos estive dentro de uma bolha que me protegia e me escondia várias visões desta realidade. Sempre estudei em escola particular católica e o que eu conhecia do ensino público eram apenas as notícias do jornal e o que as pessoas falavam à minha volta. E dentro da escola privada, a pública só é vista como um local cheio de problemas, onde pouco funciona ou quase nada funciona como deveria. Contudo, sempre tive professores que além de trabalharem na escola onde eu estudava também eram "professores do Estado" e isso, eu percebia, concedia uma segurança, na minha percepção, até um status. Porém esse raciocínio não encaixava, aparentemente eles trabalhavam nos colégios do Estado por haver a estabilidade, o que não existia na empresa onde eu estudava. Conheci de fato a escola pública no terceiro semestre da graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura, graças ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). De início foi assustador, porque realmente há inúmeras problemáticas que eu nunca havia visto dentro de uma escola, mas, acima disso, o que ficou de mais marcante para mim é que a educação pública não é o que as pessoas que não a conhecem falam, ela de fato acontece e em muitos casos tem uma enorme qualidade, é um ato de resistência, e diferentemente da escola particular, é o espaço de educação formal que mais se aproxima da escola democrática almejada. A partir desse cenário de resistência dentro da educação, embasada nos conceitos de Paulo Freire, de uma educação para a liberdade, comecei a pensar em como o currículo é feito, como ele é disputado e como os professores poderiam usá-lo de como a se comprometer

com a realidade dos alunos, para assim gerar a crítica e a reflexão e oferecer subsídios para o aluno conseguir superar e alterar a realidade em que se encontra.

Esse relato eu encontrei nos meus escritos de 2021, enquanto eu tentava aprender como se escrevia um Projeto de Pesquisa. E hoje vejo como eu já havia adquirido a percepção de que antes de ingressar na UFC eu tinha uma visão da prática docente e da educação básica e hoje, depois de vários anos, entrando em contato com diversos teóricos e tendo vivido variadas experiências de formação docente, acredito que isso tudo justifica o meu desejo de relatar e analisar essas mudanças que aconteceram e como foram fundamentais para minha construção como professora.

Por fim, com o intuito de explicar a escolha do título deste trabalho e dos títulos e subtítulos presentes no sumário, escrevo aqui estes parágrafos a seguir.

Durante o 2º semestre da graduação, na disciplina de Biologia do Desenvolvimento, o professor Roberto nos pede para escrevermos uma narrativa relatando nosso desenvolvimento embrionário e, nesta ocasião, eu comecei o texto relatando que o início do meu desenvolvimento ocorreu com o encontro, aleatório, dos meus pais, em um bar no interior de São Paulo. Encontro o qual promoveu um namoro e, após alguns meses, meu futuro pai, que foi alfabetizado utilizando a cartilha “O Sonho de Talita” perguntou para minha futura mãe se caso eles tivessem uma filha ela poderia se chamar “Talita” (esse nome ficou na cabeça dele por causa da cartilha). Assim, o sonho da minha vida começou, sem minha futura mãe estar absolutamente certa se queria ter uma filha com aquele sujeito, o qual já sabia com qual nome gostaria de presentear sua futura filha.

Dessa forma, durante as conversas com meu orientador, professor Roberto, pensamos em fazer uma referência a isto, já que foi essa cartilha que deu origem a meu nome. Ademais, cursar a licenciatura em Ciências Biológicas foi um processo de muitos sonhos, construção e desconstrução desses, criação e mudança de outros. Vivenciar o curso, assim como escrever este trabalho para a finalização dessa etapa profissional também foi um sonho. Através das reflexões e percepções durante minha formação docente, meus sonhos foram se modificando, entretanto o sonho de me graduar, ser professora e fazer a diferença no mundo foi a cada etapa se fortificando mais. Relembrar e relatar isso me fez ter essa certeza.

Então, por isso, o título “O Primeiro Sonho de Talita”, pois a graduação foi minha primeira escolha (primeiro sonho) após o ensino básico, e esta narrativa aqui concretiza isso e me faz alcançar, finalmente, esse sonho.

Meu percurso metodológico para sonhar

Pesquisei nos meus arquivos muitas fotos e também muitos documentos escritos como diários e cadernos da época do meu período escolar, para lembrar e conseguir escrever minhas memórias e meus pensamentos sobre educação e ensino quando eu tinha de 15 a 17 anos. Ademais, também busquei relatórios de estágio, do PIBID e da Residência Pedagógica, diários de campo do estágio e do PIBID, além de conversas com amigos em redes sociais, das quais eu ainda consegui acesso, e diários pessoais do período de 2020 e 2021, durante a pandemia, momento o qual, eu começava a pensar na escrita da minha monografia, tentando definir o tema, dava aulas online na Residência Pedagógica, em um colégio do Estado do Ceará e em um cursinho Pré-vestibular, voltado para educação popular.

Paralelamente a esse momento de resgate de memórias, também me debrucei na literatura escolhida para a discussão do tema presente neste trabalho. E como escrito acima, os teóricos fundamentais foram Paulo Freire, bell hooks, Ailton Krenak, e na parte de percepção sobre a violência e sobre como a escola não está alheia aos processos políticos-sociais também achei necessário trazer Carolina Maria de Jesus. Concordando com o que Minayo (2016, p. 79) diz é necessário “interpretar os resultados obtido com auxílio da fundamentação teórica adotada”. E assim, o caminho a ser seguido pelo pesquisador vai depender dos propósitos da pesquisa, do objeto de estudo, da natureza do material disponível e da perspectiva teórica por ele adotada (MINAYO, 2016, p. 79).

Durante o período de elaboração do referencial teórico eu me deparei com três livros, nos meus momentos de lazer, que a meu ver encaixaram perfeitamente com minha trajetória de pesquisa deste trabalho. Estes foram: O diário de Anne Frank, o qual me fez fazer um paralelo da época da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais do Brasil. Como o mundo enfrentou uma guerra proveniente do nazismo e daí como o fascismo se instalou desde essa época no Brasil, até chegarmos no golpe de 2016, finalizando no Jair Bolsonaro no poder durante quatro anos (2019 a 2022), e obviamente, trazendo para o contexto do meu trabalho, como isso afetou e afeta até hoje a educação, e não foram todos esses processos, provenientes também, de um resultado da educação brasileira até os dias atuais?

E eu como futura docente, não consigo não fazer essas associações, principalmente, pois todos esses acontecimentos impactam diretamente a minha formação docente, desde a perspectiva como profissional que eu assumi, até o funcionamento da minha universidade que passou e passa por uma Intervenção.

Além disso, lendo Ailton Krenak (2019) em: Ideias para Adiar o Fim do Mundo, eu me reconectei com a Talita que entrou em Ciências Biológicas pois queria ser pesquisadora para mudar o mundo, ajudar o meio ambiente. Durante a graduação esse desejo se desfez automaticamente, afinal eu percebi que a adolescente Talita não estava muito inteirada no que é de fato Ecologia. Contudo, uma das grandes áreas dentro da graduação em Ciências Biológicas é Educação Ambiental, inclusive Ailton, um dos grandes pensadores indígenas do Brasil é um ativista ambiental, que aborda exatamente o tema de como a “humanidade” (vulgo os brancos europeus, e hoje os capitalistas) vem destruindo o planeta terra e dominando os povos “inferiores”.

Nesse contexto, ele nos oferece reflexões a partir das vivências do povo dele para nós adiarmos esse fim do mundo tão próximo. E eu, como educadora, como alguém que já estudou sobre educação ambiental, tenho como meta, fazer com que minha prática docente promova uma reflexão-crítica nos alunos que eu vier a ensinar para que eles entendam esses processos sócio-político-ambiental-econômico não como algo que está fadado a acontecer, mas sim como algo que precisa ser repensado, combatido e mudado. A fim de conseguirmos qualidade de vida a todas as comunidades viventes e de frearmos o desastre aos ecossistemas.

Afinal, diante de tantas problemáticas ambientais e dos movimentos ambientalistas que permearam essas décadas, o ensino de ciências naturais foi estimulado a fazer profundas mudanças paradigmáticas sobre seu ensino a-histórico e descontextualizado, em que a relação ciência e sociedade não é evidenciada (RODRIGUES; LEITE, 2019, p. 26).

E por fim, até agora, o livro no qual eu me debruço é Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, o qual me oferece um enorme referencial, juntamente com Anne Frank, sobre narrativa autobiográfica, e também o cenário de violência, de exclusão da periferia, que existe até hoje no Brasil. A partir desse livro quero trazer minha motivação, atrelada com a Pedagogia Histórico-Crítica, de como a educação deve acontecer de modo a oferecer instrumentos para que os alunos entendam sua realidade e consigam, através disso, alcançarem soluções e novas perspectivas, assim talvez, mudando seu contexto de violência, desigualdade e exclusão.

Afinal, é por isso também que continuei em um curso de licenciatura e tenho o desejo de ser professora na educação básica. “...o sujeito da experiência seria algo como um território

de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 24). É o que eu desejo ser para meus futuros alunos.

Para finalizar essa etapa do trabalho, registro aqui que: a importância da escrita dos diários e da autobiografia para mim começou na escola, com as interações sociais e o reforço da escrita, sempre disseram que eu escrevia bem. Ligado a isso, meu gosto pela leitura também foi a partir das convivências na escola, minhas amigas mais próximas liam bastante. A existência de uma biblioteca com vários livros de diversos assuntos na escola me proporcionou acesso ao que eu queria ler. E, assim, eu fiz associações agora com meu TCC, meu projeto, minha visão de mundo. As leituras por lazer que eu ia fazendo, isso nasceu na escola e eu quero que faça nascer em outras a partir da minha ação como docente.

Por que uma narrativa autobiográfica?

Diante do exposto, do que já foi explicitado até este ponto neste trabalho, adentro a questão de por que uma narrativa autobiográfica? Outras escolhas poderiam ter sido feitas, então por que uma investigação autobiográfica? Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 18) vão nos dizer que “O uso das narrativas como método de investigação ou de pesquisa (...) decorre, em parte, da insatisfação com as produções no campo da educação que se caracterizaram por falar *sobre* a escola em vez de falar *com* ela e *a partir* dela.” tal afirmação nos leva a refletir sobre o afastamento de algumas pesquisas no campo da educação que se distanciam da comunidade escolar e do cotidiano da escola mesmo tendo como objetivo trabalhar educação, contudo acabam trazendo uma perspectiva enviesada, como Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 19) também afirmam em seu trabalho, de modo a tirar o protagonismo e a compreensão daqueles que são os sujeitos da pesquisa, os alunos e os professores, por exemplo.

Além disso, Minayo (2016, p.11) também coloca “Será que, buscando a objetivação que é própria das ciências naturais, não estaríamos descaracterizando o que há de essencial nos fenômenos e processos sociais, ou seja, o profundo sentido da subjetividade na construção da cultura?”. O que enfatiza a necessidade de considerar os sujeitos e não os afastar da pesquisa. É necessário levar em conta os processos sociais e os fenômenos que perpassam as vivências, tanto na sala de aula, quanto nas pesquisas em educação.

E neste relato da construção do meu sonho eu me disponho a narrar minhas vivências como aluna, tanto no ensino básico quanto no superior, assim como as experiências da aluna

exercendo o papel de professora. Por conseguinte, acredito e defendo, do mesmo modo que Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 20) defenderam,

Genuinamente diferentes são os sentidos produzidos pelas pesquisas em que os próprios sujeitos são autores e coautores das narrativas. Em outras palavras, pesquisar *sobre* os professores e pesquisar *com* os professores ou pesquisar na escola e com a escola, resultam em estudos diversos.

Ou seja, fazer um trabalho com investigação autobiográfica trará estudos e resultados diferenciados dos outros modelos de pesquisa antes escolhidos. Conforme os próprios Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p.20) dizem “muitas pesquisas realizadas ainda hoje se valem de um referencial teórico-metodológico que decorre da crença em uma suposta objetividade capaz de conferir confiabilidade e autoridade”. De que adiantará eu trazer neutralidade e objetividade se meu objeto de pesquisa é exatamente minha trajetória durante esses anos de aprendizado?

Diante disso, Minayo (2016, p. 12) igualmente coloca “se existe uma ideia de devir no conceito de cientificidade, não se pode trabalhar, nas ciências sociais, apenas com a norma da cientificidade já construída. A pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos.” Ou seja, por mais que haja um rigor a parti da norma científica construída e utilizada atualmente deve-se lembrar que isso se deve a um processo histórico de desenvolvimento da ciência, assim, não se deve excluir, principalmente na área de educação, de ensino, as pessoas, os sujeitos que na pesquisa estão inseridos ou que deles saem as pesquisas.

Tendo esses fatores como base, os autores Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 24) informam tais possibilidades de pesquisa “1) a narrativa como construção de sentidos para um evento; 2) a narrativa (auto)biográfica; 3) a narrativa de experiências planejadas para serem pesquisas; 4) a narrativa de experiências do vivido, isto é, narrativas de experiências educativas.” Com isso em vista, escolho traçar o relato da construção do meu sonho por meio do último tipo de narrativa citado pelos autores. A narrativa de experiências do vivido. Afinal, os parágrafos que apareceram pela frente neste trabalho se enquadram, segundo Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 27), em “pesquisas que só passam a existir porque, havendo uma experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, este a toma como objeto de compreensão. Essas pesquisas decorrem de uma situação não experimental, mas vivencial.”

SONHANDO ANTES E DURANTE O ENSINO MÉDIO

Eu gostava de estudar porque eu gostava de entender as “coisas” e eu via que era algo que eu me dava bem, que eu entendia. Algumas matérias na escola eu tinha dificuldade, mas num todo era satisfatório tentar entender, superar as dificuldades tirar uma nota boa e passar de ano sem ir para a recuperação.

Sobre isto, Paulo Freire (2018, p. 33) nos coloca que “A curiosidade como inquietação indagadora, (...) faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. Para mim era bom entender o que me era ensinado pois assim aflorava meu conhecimento e minha criatividade para novas ações.

Entretanto, quando eu entrei no ensino médio a situação mudou. Acredito que pela fase da adolescência. Eu queria não ser só uma “nerdzinha”, queria vivenciar também outras coisas, namorar, me divertir, ser popular, desenvolver toda a complexidade do adolescente nessa fase do desenvolvimento humano. E, de modo geral, eu ainda continuava me dando bem, (O que é se dar bem? O que o ensino tradicional considera de bom e de ruim?) mas algumas matérias notavelmente havia dificuldade, como já havia antes.

Matemática continuou sendo um problema e, dessa forma, tudo que envolvia matemática, igualmente. Até mesmo genética que era dentro da Biologia, e eu gostava, eu tinha dificuldade, mas também Química e Física. Tudo que tinha cálculo era complicado e a própria matemática que além de ser complicada, na maioria das vezes eu não via muito sentido, então eu parei de me esforçar, eu parei de ter aquele apreço por me esforçar, prestar atenção em tudo para ser uma boa aluna. É preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala (...) O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo (hooks, 2017, p. 18). Eu era responsável também pelo o que estava escolhendo fazer, mas não tinha noção disso.

Ou seja, no ensino médio aconteceu essa primeira virada de chave: não vou me importar tanto, tudo bem se eu tirar nota baixa, isso daqui eu não gosto, isso não faz sentido mesmo, não quero e no final acho que eu consigo me safar dentro dessa situação. Quero aproveitar outras coisas como por exemplo, o WhatsApp (foi quando eu ganhei um celular, em 2014 que permitia baixar o aplicativo e usá-lo), meu grupo de amigos. Afinal eu era do ensino médio, conseqüentemente, no meu pensamento, havia um nível de status maior.

Ademais, bell hooks (2017, p. 27) discute que “os professores (...) dão graves sinais de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e

experiências complexas, e não meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento”. Isso reforça minha visão de que a minha própria escola não estava preparada para esse meu desejo de vivenciar mais do que aulas conteudistas, portanto, as formas encontradas para controlar minha “virada de chave” eram as notas baixas e repreensão a meu novo comportamento.

Ao mesmo tempo, ainda havia preocupações com cobranças em casa e cobrança da vida, como: de não querer perder o cargo de “nerd”, para não deixar de ser vista assim socialmente, não queria ficar de recuperação para não ter que fazer mais provas e para evitar irritações por parte dos meus pais.

O fato de não fazer sentido pra mim algumas matérias ou de não gostar e de estar tão inserida, com tanta aula, com tanta coisa, com tanto conteúdo, fez com que eu parasse de me importar com certa parte daquilo ali que antes eu gostava e via como aprendizado, e como algo necessário, algo importante. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2018, p. 47). Infelizmente, naquela época eu só sentia conhecimentos sendo depositados em mim e uma crescente desmotivação com a escola a partir disso.

E acho que essa visão continuou até a graduação, até hoje se duvidar, o que para mim não faz muito sentido, o que eu não gosto apesar de hoje eu já ser adulta, e já ter essa visão assim de: okay, mas agora eu estou no lugar da professora, então eu tenho uma visão maior da situação, já li teóricos, pedagogos. Já sou considerada professora em alguns espaços, mas ainda há uma dificuldade a ser enfrentada.

E perceba que na época eu nem entendia o que era pedagogia, aprendizagem significativa, ou fazer sentido para o aluno, eu só entendia aquilo que todo mundo falava: isso daí vai servir de que na minha vida? E de fato eu acho que muita coisa só serviu para eu passar no ENEM (e hoje poder ter essa visão crítica graças a graduação de licenciatura que eu cursei após passar no ENEM).

Isso tudo porque a educação brasileira tenta ser muito completa, mas acaba sendo conteudista e extremamente tecnicista, o aluno tem que aprender o conteúdo ministrado dentro do ensino tradicional e regurgitá-lo na prova, e fim, e assim segue de modo fabril, na faculdade e depois no mercado de trabalho. Ademais, essa estrutura educacional é o contrário do que Freire (2018, p. 16) nos coloca como ideal “que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” e de forma consonante quando ele diz,

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. (FREIRE, 2018, p. 27).

Ao mesmo tempo que muita coisa se eu tivesse aprendido lá no ensino médio, que era aquilo que eu não gostava, que eu não dava importância, que eu não via sentido, teria me facilitado aprender diversos assuntos em química, em bioquímica, em fundamentos de física, em cálculo, em até mesmo aulas hoje que eu ministro em genética, e hoje eu tenho embasamento teórico para poder falar isso, e eu consigo fazer ver essa virada de chave, ver o antes e o depois, e de como isso perpetua hoje em dia, não só com minha visão de aluna mas também com minha visão de professora, de porque eu estou ensinando isso para o aluno? E eu estou dentro de um sistema tradicional? Ou não? Qual abordagem eu vou usar? Existe espaço para usar alguma abordagem? Ou eu tenho só que seguir o conteúdo, dar o conteúdo, jogar informação como se eles fossem receptores? Como se fosse um computador recebendo dados? “...de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2018, p. 24).

O que eu me lembro do período do ensino médio?

Creio que me veio uma crescente aversão a docência, por eu sempre ter tido mais afeição e facilidade nas áreas de humanas. Inclusive durante a graduação quase toda, me fazia mais sentido estudar pedagogia, didática, teorias da educação do que outros conteúdos puramente biológicos e dissociados do contexto humano.

Fui criada por uma professora, que vivia cercada de outros professores, e por um engenheiro. Além disso, na minha família mais próxima desde que me mudei para o nordeste sempre esteve minha tia por parte de mãe, que também é professora. E sempre via minha mãe como uma celebridade, por ser professora universitária. Tinha chegado no topo da profissão, era referência, tinha um monte de gente que a conhecia e que a admirava. E eu era famosinha também por ser filha dela. Então durante muito tempo eu via a profissão de docente com um certo status, alguém que era referência, alguém que agregava, que era famoso e adorado por vários. Mas aos poucos, acho que a partir das minhas experiências com professores que desprezavam um pouco a profissão, ou a meu ver não eram tão bons profissionais, eu me afastei dessa ideia de professor ser algo bom, ser afetivo, ter prestígio.

Acerca deste relato acima, Gadotti (2006, p. 151) reitera,

Não é sob um ponto de vista burocrático que devemos considerar o educador como profissional. Se é preciso reconhecê-lo como profissional, porque sua função na sociedade foi sistematicamente desprestigiada, desvalorizada, pelo descaso do poder em relação à educação e ao ensino.

Entretanto, nessa narrativa que eu assumi como verdadeira, promovendo assim em mim uma aversão à docência surge o questionamento de Cohen e Silva (2000, p. 84) “Meu objetivo é, portanto, questionar as fronteiras existentes na educação e perguntar como certas narrativas e categorias são instituídas como tendo autoridade.” Ademais, os autores seguem questionando o modo como o terreno do debate educacional é constantemente feito e refeito, pelos atores coletivos da sociedade com algum interesse em comum. Ou seja, quem gerou essa autoridade, esse pensamento coletivo de que ser professor não é algo bom?

Também sempre gostei muito da escola, lá eu me empenhava, não me via fora daquele tipo de ambiente, não me via sem aulas, sem encontros que lá ocorriam e sem os aprendizados dentro das turmas. Escola para mim era sinônimo de estabilidade. E eu acreditava que era o que seria, algo estável na minha vida, mas será que para sempre?

Contudo, se aproximando mais do ensino médio, com o amadurecimento da adolescência, e acredito que devido a forma monótona e fabril aliada a perspectiva que a minha escola me fornecia, essa visão que eu tinha se esvaiu. A escola “perdeu a graça”. Gostar de escola, da profissão docente, de “humanas”, além disso parei de achar interessante essa grande aproximação dos meus gostos com os gostos da minha mãe. Também eu fui observando que para minha escola e para as pessoas que me cercavam naquele ambiente fabril de estudos, ambiente de conteúdos e provas e mais conteúdos, que para elas era ótimo eu ser boa aluna, era ótimo eu tirar notas boas, era incrível, mas para dar sequência a isso eu teria que fazer algum curso com prestígio, boa remuneração e status. Os quais eram os mais falados naquele ambiente colegial, eram os mais citados, comentados, estimulados e estimados.

Lembro que já no primeiro ano do ensino médio minha escola passou a nos levar para visitar as faculdades particulares, muito provavelmente as quais ela tinha convênio ou parceria. E nestas, o clima parecia mais adulto, mas ainda me lembrava muito o meu colégio. Contudo algo me parecia estranho também, por que o colégio não levava os alunos para visitarem a instituição pública onde minha mãe ou minha tia trabalhavam?

E o que eu também notei, na época, é que nestes locais, não havia tantos cursos assim de humanas. Apenas Direito e Psicologia, que eu me lembre. Não tinha Letras, História, Filosofia... Apenas um monte de engenharias e cursos similares que eu nunca me vi cursando. Estranhei. Depois percebi que lá havia apenas, e aparentemente, o que era mais

rentável para as instituições. Bem-visto no mercado e com procura, demanda e retorno financeiro. Era esse o pensamento divulgado, isso que ficou como mensagem para mim.

Sobre isso eu retomo um trecho do Pedagogia da Autonomia:

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenececer; em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”. (FREIRE, 2018, p. 27).

Ademais, Freire ainda acrescenta:

A ideologia fatalista do discurso e da política neoliberais de que venho falando é um momento daquela desvalia acima referida dos interesses humanos em relação aos do mercado. Dificilmente um empresário moderno concordaria com que seja direito de “seu” operário, por exemplo, discutir durante o processo de sua alfabetização ou no desenvolvimento de algum curso de aperfeiçoamento técnico, esta mesma ideologia a que me venho referindo. Discutir, suponhamos, a afirmação: “O desemprego no mundo é uma fatalidade do fim deste século.” E por que fazer a reforma agrária não é também uma fatalidade? E por que acabar com a fome e com a miséria não são igualmente fatalidades de que não se pode fugir? (FREIRE, 2018, p. 99).

Nenhuma vez minha escola me levou a uma feira de profissões na UFC ou UECE. Apenas em faculdade e universidade particulares. Foram várias, então, apesar dos meus pais terem outra visão e a compartilharem comigo, neste período do ensino médio, eu ficava mais tempo na escola do que em casa.

Meus colegas repetiam aquilo que a escola falava de forma subliminar e eu fui absorvendo aquilo. Até que chegou o terceiro ano, eu já tinha certeza absoluta de que não queria ser professora, nem cursar nenhum curso de humanas (vale lembrar que era o que eu mais gostava, o que tinha mais facilidade). Eu queria algo que “desse dinheiro”, que tivesse prestígio, entretanto, que eu também gostasse. E tirando pelo senso comum... Minhas opções estavam um pouco restritas, pois tudo que é mais bem visto socialmente, ou quase tudo, não me parecia agradável, nem para estudar, nem para exercer a profissão.

Acerca disso, vale ressaltar: “Gostaria de deixar bem claro que não apenas imagino mas sei quão difícil é a aplicação de uma política do desenvolvimento humano que, assim, privilegie fundamentalmente o homem e a mulher e não apenas o lucro.” (FREIRE, 2018, p. 128). Na minha escola, a visão passada foi de que o desenvolvimento humano teria que caminhar ao lado do lucro, isso é possível?

Até que surgiu a Biologia na minha cabeça. Por que não? Não é “de humanas”, nem “exatas”, ou seja, não é o que eu não gosto e nem o que eu decidi que não quero. Eu gostava de Biologia também, sempre gostei, principalmente da parte de ecologia e meio ambiente, via uma importância fundamental nessa área, pois desde a época do colégio a questão da degradação ambiental para mim já era alarmante, eu já tinha isso nítido no meu consciente e sabia que tinha um certo prestígio estudar biologia, que havia várias áreas, opções de trabalho, além disso, eu ainda poderia ajudar a salvar o mundo e os animais. Não precisaria ser professora, o que na minha cabeça, na época, eu não queria. Só via professor “sofrendo” por causa do comportamento dos alunos nas escolas, trabalhando muito, com muita prova para corrigir; igual minha mãe em casa; sempre cansado, além de saber que a remuneração para professor no Brasil não era algo a se vangloriar e achar bom, a não ser que você tivesse o cargo que minha mãe tinha.

Essa era a visão que eu tinha, pois percebia que além da minha mãe ter estabilidade, o cargo dela como professora, era o melhor visto socialmente, acredito que pela concorrência e pelos anos de estudos que um cargo desse requer. O que me parecia que não era fácil conseguir. E ainda assim ela não era rica.

Essa questão sobre a educação, na verdade, as empresas educacionais direcionarem os alunos para profissões mais rentáveis caminha ao lado do movimento que Leher (2019, p. 158) cita “A ofensiva do capital para commodificar a educação exigiu o enfraquecimento da Unesco e o fortalecimento do Banco Mundial (...) esse movimento vinha sendo feito por meio do financiamento da Unesco mediante projetos elaborados pelo Banco Mundial.” Ou seja, tudo, principalmente na educação tem que funcionar de acordo com os interesses do capital.

O MEC (2006) coloca “A educação básica tem por finalidade, segundo o artigo 22 da LDB, ‘desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores’, estaria este preceito caminhando ao lado desse direcionamento que o colégio onde estudei ofertava aos seus alunos? Pois acredito que essa visão que era divulgada não promovia o diálogo e o conhecimento de outras opções de carreira de forma democrática. Dessa forma, como poderia estar assegurando o exercício da cidadania? Freire (2018, p. 97) já nos avisava sobre isso: “Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades”.

Outro assunto o qual eu percebo que se relaciona com o meu olhar para a docência é minha perspectiva política partidária da época - meu ensino médio aconteceu entre 2014 e 2016 - os três primeiros anos finais do governo do PT no Brasil, antes do golpe e do governo

bolsonarista. Eu estudava em uma escola particular onde não havia muitas discussões a respeito de política, a não ser que fosse em alguma matéria específica e que o professor fosse considerado de humanas ou de esquerda. Então, normalmente essas discussões aconteciam nas aulas de História, Filosofia, Sociologia (quando havia), algumas vezes em Geografia, Português, Redação e Literatura, ademais, em algumas aulas de Biologia, e por causa de um professor específico, que inclusive me motivou a querer cursar Biologia também.

Por esses motivos, não se discutia muito questões sociais, apesar de ter citado inúmeras matérias, eram momentos restritos; nos outros a gente só se preocupava com conteúdo e prova. E havia muito uma visão estereotipada do comunismo, socialismo, direita, esquerda, partidos e afins. Vale ressaltar que numa escola particular, em um bairro geograficamente considerado nobre em Fortaleza, não vai haver, pelo menos eu não me lembro que havia, uma grande diversidade de pessoas, ideias, crenças; obviamente que não; e toda a gama de diversidade que existe na sociedade. Hoje eu sinto que vivia numa bolha, sem ter nenhuma noção disso. E ao passo que eu demonizei à docência eu também passei a acreditar que ser de esquerda e de direita não era solução.

Vendo apenas os estereótipos, hoje questiono meu ensino de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Creio que foram fracos. Só fui entender mais disso na faculdade, e me considero uma eterna aprendiz. Segundo Freire (1992, p. 47) “o educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significador crítico”. Percebo que havia lacunas, pude obter um bom conhecimento que me fazia entender muitas questões atreladas a essas disciplinas, contudo, eu não consegui trazer aquele conhecimento para entender e criticar a realidade que estava a minha volta, aquilo que estava de fato me cercado, o que fazia parte do meu cotidiano. Portanto, ter notado isso depois de alguns anos, durante a graduação, me trouxe a sensação de que eu estava alheia, naquela época do colégio, à minha própria condição. Foi a sensação de “sair da bolha”, o conhecimento de consciência de classe como Marx coloca em seus livros.

De toda maneira encontrei relatos no meu diário de 2016, enquanto estudava para o ENEM, em um projeto da prefeitura, em que eu falava alguma coisa sobre ser de “centro” e sobre algumas pessoas, amigas e professores, serem socialistas/comunistas. E eu tinha raiva delas, eu não dava bola nem crédito, desconsiderava esse tipo de ideia. Hoje, acredito, pelo contexto em que o Brasil vivia, eu estava apenas reproduzindo coisas que eu escutava em casa e na escola, que parte dos brasileiros repetem até hoje, e que nos fez viver o governo bolsonarista. Tenho essa visão hoje pois “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática

de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.” (FREIRE, 2018, p. 26).

Acho que minha vergonha hoje é tamanha que eu já esqueci, recalquei boa parte dos meus pensamentos dessa época. Minha cabeça mudou da “água para o vinho”. Agradeço à Universidade pública. Segundo Freire (2015, p. 43) “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a.” Neste trecho consigo ver o que ocorreu comigo, o que a Universidade me propiciou, conhecer novas perspectivas e assim eu fui me apropriando do mundo a minha volta e parando de apenas reproduzir o que as pessoas do meu entorno diziam.

Mas continuando a escolha de curso: depois de chegar na ideia a qual a melhor ação a ser feita era um curso com certo prestígio, que eu me dava bem no sentido de tirar notas boas, que eu gostava (tirando a parte de genética) e que também havia um sentido social em fazer, além de poder, no futuro, me oferece um bom salário (de acordo com o senso comum). Eu decidi que cursaria Ciências Biológicas, e teria que ser em uma universidade pública porque era o que a escola divulgava como melhor (mesmo não tendo nos levado para uma feira de profissões na UFC). Isso remonta o que Freire (2018, p. 103) traz: “A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. É claro que, nem sempre, a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação a seu amanhã.”.

Acredito que a escola via como uma boa propaganda seus alunos irem para universidades públicas. Propaganda de aprovação. Ademais, meus pais também falavam que tinha que ser na pública por diversas questões, como ensino gratuito e de qualidade.

E assim foi, na pública. Ciências Biológicas. Mas eu não queria licenciatura, lembrem disso, eu queria ser pesquisadora! Apenas isso. Nem sabia o que era ser pesquisadora. Contudo, no final acabei escolhendo licenciatura porque a nota de corte era mais baixa do que a do bacharelado e pensei que ter os dois títulos depois seria uma boa ideia.

Em conclusão: minha escolha foi baseada na ideia que existe dentro do senso comum, na questão do prestígio e depois, fazendo as exclusões necessárias, no que eu gostava e achava que iria gostar. Creio que essa também foi a conclusão e o resultado de como eu via a licenciatura e a prática docente na época. “...o ensino é considerado um aspecto mais enfadonho e menos valorizado da atividade acadêmica. Essa perspectiva sobre o ensino é comum, mas tem que ser posta em questão...” (hooks, 2017, p. 23). Passei por

transformações, e querendo ou não o colégio onde eu estudei, creio que seguia uma estratégia similar a de todos os colégios particulares do Brasil. Ou seja, não promovia a reflexão de oportunidades de emprego e de estudo fora da linha de raciocínio mercadológico.

Paralelamente a isso, em um espaço recheado de professores, (afinal até nossos 18 anos de idade, o jovem normalmente vive rodeado de familiares e professores) como são as escolas, nunca houve uma discussão sobre a profissão do professor? Mitos e verdades? Desconstruções problematizações? Porque já na escola se cria essa ideia, aliada com o que o senso comum brasileiro pensa acerca da profissão “professor” de que é uma profissão ruim, mal remunerada, que não deveria ser a primeira opção de ninguém... Não podemos enfrentar a crise se os pensadores críticos e os críticos sociais progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno da sua consideração. (hooks, 2017, p. 23).

Contudo, seria a escola onde estudei um local que permite que os professores sejam pensadores críticos ou críticos sociais progressistas? Era de interesse dela que os professores compartilhassem essa visão com os alunos?

Hoje acredito que no ensino médio, de todas as escolas, deveria ser abordado outros aspectos da profissão docente, para além daquilo que o aluno já viu diariamente, durante tantos anos. Deveria ter um diálogo maior para divulgar diversas profissões e cursos, desmistificar diversos pensamentos que o aluno escuta e replica, sem se aprofundar na argumentação. De modo semelhante, bell hooks (2017, p. 23) diz: A educação está numa crise. Em geral, os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar.”

Eu saí da escola pensando tudo isto que já explanei aqui acerca da profissão docente. E até o segundo/terceiro semestre da faculdade eu seguia pensando assim. Mesmo com exemplos de professoras excelentes ao meu lado, na família. E mesmo com a relação afetiva que eu tinha de gostar de ir para escola e de achar que a vida não deveria se distanciar dela, era o que eu enxergava. “O discurso ideológico nos ameaça de anestésiar a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos.” (FREIRE, 2018, p. 129).

SONHOS E VIVÊNCIAS NA GRADUAÇÃO

O PIBID, junto com as reflexões que a disciplina Instrumentalização Para o Ensino/Estudo de Ciências II (IPEC II) me concederam, foi o programa institucional que fez com que fizesse cada vez mais sentido estar na licenciatura, e dessa forma, ver mais e mais propósito na minha prática docente. Foram inúmeras cartas de intenção após o início do PIBID e após IPEC 2 em que eu citava a relevância dessas duas experiências para meu crescente desejo de me aprofundar em mais experiências no campo educacional. Não há docência sem discência (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 2018, p. 25).

Tendo isso em vista, é necessário, portanto, contextualizar o Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, o qual foi criado em 2010, pelo decreto pelo Decreto n. 7.219, com a finalidade de incentivar a iniciação à docência, contribuindo para a formação dos futuros docentes e melhoria da educação básica pública (BRASIL, 2010). Entretanto, para além disso, o programa PIBID - Biologia funcionava, a meu ver, também, muito embasado da dialogicidade entre os bolsistas e o coordenador, assim como entre os bolsistas e os alunos dos colégios onde atuamos. Nosso papel era desenvolver projetos nas escolas, o que promovia uma ponte entre a universidade pública e a escola pública. Um retorno social.

Algo que eu considero maravilhoso no PIBID é a oportunidade de estar ali não como professor, nem como estagiário, ao mesmo tempo que você também não é mais aluno de ensino médio ou fundamental (apesar que algumas pessoas da escola achavam). Os bolsistas do PIBID não vão ministrar aula, não é uma cobrança similar ao do estágio, nem de atuar como professor. Assim como é no Programa Residência Pedagógica (PRP) também (BRASIL, 2018). Nosso papel no PIBID quase se assemelha a algo filosófico.

Eu lembrava tanto minha escola, meu ensino médio. Mas a disparidade existente era gritante. Meu colégio - onde finalizei o ensino básico - tinha uma infraestrutura gigantesca em relação a Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Hermino Barroso (HB), onde atuei por 18 meses.

Onde estudei no ensino médio havia muitos alunos desinteressados em estudar, não por não terem condições, mas por não verem sentido naquilo. Já no HB havia essa problemática de alguns alunos não encontrarem motivo para estudar, mas juntamente a isso, havia várias outras dificuldades. A infraestrutura era precária, não tinha nem um pátio direito.

O refeitório era apertadíssimo. As salas de aulas não eram tantas e a infraestrutura destas também estava precária. Havia segurança na porta.

Onde eu estudei havia apenas o porteiro. A única vez que eu tinha visto polícia/segurança na escola foi em uma escola que eu estudei no interior do Tocantins onde o Proerd atuava na época. Traumatizante, mas algo à parte.

No Hermino Barroso havia alunos que eram fichados na polícia, e que um deles, envolvido com o tráfico, tinha até sido morto, assassinado. Foi um choque. Assustador. Eu nunca tinha me deparado com a realidade do ensino básico cearense, público, até então. Carolina Maria de Jesus (2014, p. 160) descreve situações de violência similares às que me foram descritas no bairro do HB: vi varias pessoas olhando na mesma direção. Pensei: é briga! (...) O Arnaldo apanhava igual uma criança (...) O baiano deu duas cacetadas no Arnaldo ... Surgiu o Armin, que disse que ia matar o baiano. Ele deu-me um empurrão...

Contudo, eu também tinha nas mãos a oportunidade de observar e aplicar projetos que tivessem significado para a realidade daqueles alunos. Para que mesmo naquela situação desafiadora e cercada de violência houvesse, para os alunos, o surgimento de novas perspectivas, além de ouvidos dispostos a escutá-los. A pedagogia dialética sustenta que a formação do homem se dá pela elevação da consciência coletiva realizada concretamente no processo de trabalho (interação) que cria o próprio homem (GADOTTI, 2006, p. 157).

Com os bolsistas do PIBID, os alunos do HB podiam fazer perguntas, desabafar, se abrir, tentar entender a Biologia dentro da vida deles e dentro da realidade deles. Era por meio desse diálogo com os alunos e de uma série de projetos que realizamos envolvendo rodas de conversas, dentro de assuntos que os interessavam, que nós bolsistas, conquistamos uma relação de confiança e de diálogo, realizando assim o objetivo do Programa, o desenvolvimento de projetos dentro da disciplina em questão obedecendo as demandas necessárias à escola.

Não eram apenas conteúdos soltos sendo ministrados, os quais não faziam sentido algum com a vivência dos alunos, e somente eram passados para que eles fizessem uma prova e no final de tudo conseguissem um diploma do ensino médio.

Enquanto a realidade deles seguia a mesma. Inalterada. Sem o estudo, sem o ensino, sem a educação fazer sentido, ou se mostrar como uma chance de mudar algo. De ter perspectiva, ou como Saviani (1991) coloca, de ser ferramenta para que eles consigam entender a realidade em que vivem. Comecei a ver que, realmente, estar ali observando, conversando, escutando me fazia ver o que o professor, dentro da sala de aula, muitas vezes não vê. O que os alunos não sabiam.

Ali começou a nascer. No pátio apertado, e nas mesas juntinhas do Hermino Barroso a professora que eu sou hoje. E isso me dá lágrimas nos olhos. Imaginando o início desse sonho, na verdade relembrando, que eu nem fazia ideia que ia ter e que se concretizaria nesse relato aqui.

Eu entendi ali e nas reuniões do PIBID que tentar aliar a teoria pedagógica com a prática docente não era nem um pouco fácil. Nem um pouco. Mas que ir para a sala de aula ou para a escola sem observar de fato a escola, os alunos, os professores e sem conhecer o que dizem os teóricos da educação também seria extremamente difícil. Seria andar no olho do furacão confiando que apenas o conteúdo biológico que eu sei me daria a garantia de promover o processo de ensino e aprendizagem. O que dá margem para afirmar que qualquer um, com seu notório saber, pode ensinar.

Foi no PIBID que eu firmei meus pés na docência e incorporei o que o Paulo Freire falava como exemplo a ser seguido, a fim de ser a melhor professora possível e de sair do ensino tradicional que eu lembrava do colégio, e na época, nem sabia o que era. Ademais também observava esse tipo de ensino na faculdade, algo que eu não via sentido e me desmotivava bastante em relação às perspectivas futuras.

Minhas leituras sobre as teorias de Ausubel e de Saviani (Aprendizagem Significativa e Pedagogia Histórico-Crítica), feitas na disciplina de IPEC IV, também passaram a fazer muito sentido nesse caminho. Mas esses nomes eu só fui conhecer mais a frente, no 4º semestre, quando já havia um tempo de PIBID. E, por mais que nós bolsistas não ministrássemos aula, nosso fazer docente começava ali, nas perguntas e respostas, nos projetos desenvolvidos acerca da realidade deles englobando Biologia.

Até conversar sobre o ENEM e sobre a UFC me fazia e sobre a minha presença ali era como uma onda gravitacional. Emitia, ressoava. Nem que fosse minimamente. Os fazia ver que havia outra possibilidade além das quais eles já conheciam. Muitos deles ali, nem a praia conheciam, ou mal iam. E a gente devia estar há uns 4 ou 5 quilômetros da praia. Afinal, moramos em Fortaleza - CE.

E assim seguiam meus sustos. Quando houve no quadro da sala de professores um anúncio “fulano do 1º ano e beltrana do 2º ano = Recesso de casamento”. Quando falaram também que três alunos haviam sido detidos por furto/roubo e depois liberados; quando o aluno W, que sempre conversava com os bolsistas, contou que já era pai de uma menina, e que a noite/madrugada trabalhava como vigia noturno, sendo que o HB é uma escola de tempo integral. Quando ele dormia? Quando ele era pai? Quando ele aprendia? E o irmão dele era “barra pesada” ele dizia. E eu. O que eu, nascida em classe média, branca, sempre comi bem,

estudei, nunca trabalhei, nunca tive que fazer nada além de passar de ano e lavar umas louças... O que eu tinha a dizer para o aluno W? Como que eu ia dizer algo para ele? Como ia chegar até ele? Como que eu ia mudar a realidade dele? Como eu poderia ajudá-lo?

Esse cenário de diálogo com os alunos desperta o que hooks (2017, p. 118) escreve “Todos os alunos, não somente os de grupos marginalizados, parecem mais dispostos a participar energicamente de discussões quando percebem que elas têm relação direta com eles”, era isso que aproximava e gerava a conversa, o assunto fazer parte da vivência deles.

Eu escutava e respondia o que ele tinha de pergunta. E quando havia tarefa eu o ajudava a fazer. Quando os meninos (como a gente chamava os alunos) estavam fora de sala, mas com a gente, os bolsistas do PIBID, a coordenação não brigava. Deixava. Eles entendiam e a gente queria ajudar, queria fazer algo para ajudar. Demorou para nós “pibidianos” entendermos que primeiro a gente precisava conhecer, entender, escutar e conversar, e então “fazer algo por eles”. Na realidade, o nosso fazer já estava ali desde o primeiro susto e desde o primeiro pé na escola.

Lembro que no dia que nós fomos conhecer o colégio tudo me assustou muito, a condição da escola, com lixo e entulho, com pouco espaço, assim como as histórias que o professor supervisor contava para nós também. Uma cena tragicômica é que ficou tão notório a quão assustada eu fiquei, que um dos colegas bolsistas virou para mim e falou: já pode voltar a respirar, Talita. Foi de fato um choque. Até hoje o professor Roberto relembra essa cena, eu contando sobre isso na reunião semanal do PIBID, ainda extremamente assustada.

Período pós PIBID

O período do PIBID foi de grande desenvolvimento interno, que compreendeu o 3º, 4º e 5º semestres e o início do 6º semestre da minha graduação. Final de 2018, 2019 inteiro e início de 2020 finalizamos. Apresentei um trabalho pelo PIBID, no Encontro de Práticas Docentes (EPD) e já tive certeza de que seria professora. O nome do trabalho apresentado foi: “A dialogicidade aproximando bolsistas do PIBID e estudantes de uma escola de ensino médio na compreensão de seus corpos”. Nós, eu e minha dupla do PIBID, Lívia, relatamos a experiência de um dos projetos desenvolvidos no PIBID, que era uma série de rodas de conversas, sobre diversos assuntos que incluíam as curiosidades acerca dos corpos dos estudantes. Nosso referencial teórico foi o Paulo Freire, “A dialogicidade em Paulo Freire envolve a participação do educando no processo educativo como sujeito de conhecimento” (OLIVEIRA, 2017).

Inclusive na apresentação do meu trabalho minha mãe estava presente e se emocionou com a apresentação. Assim, com a finalização dessa primeira experiência docente, obtive realmente minha certeza de qual carreira gostaria de seguir. Enquanto eu vivia o Movimento Estudantil da Biologia, Diretório Acadêmico, viagens e mais várias outras atividades como o coral que eu fiz parte, curso de francês, todas as disciplinas curriculares, o início do estágio que foi uma experiência bem curta se comparado ao tempo de PIBID, eu ficava me questionando como o PIBID não é algo obrigatório para o licenciando? Porque apenas com alguns meses de estágio não é possível a pessoa se considerar pronta para ingressar em uma sala de aula como professor regente. Vi o PIBID como essencial.

E, inclusive, destaco aqui que este último pensamento exposto pode ser algo a ser estudado mais a fundo, levantando nossas pesquisas.

Tive apenas um estágio 100% presencial e sem pandemia, que foi em 2019 com minha grande parceira de graduação, que apresentou o trabalho no EPD comigo, a Livia. Observei a realidade de outra escola, perto do Pici, mas em outra direção, e de Ensino Fundamental 2.

A maioria dos professores falava para a gente escolher outra profissão. Lembro de um professor de matemática dessa escola que falou que os verdadeiros heróis são os professores. Fiquei assustada com a postura violenta de gritos e grades e comandos autoritários por parte da diretoria, escola e professores. Tais lembranças de violência se assemelham com esses registros: um ônibus atirou um garoto na calçada (...) dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa (JESUS, 2014, p. 11). “Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades. Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com meus filhos” (JESUS, 2014, p. 12).

Eu e minha dupla tentávamos aplicar o que já tínhamos estudado nas IPECs. As IPECs, são disciplinas voltadas, dentro do Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFC, para o desenvolvimento da prática docente na área de Ciências e Biologia, assim, nessas disciplinas nós entramos em contato com teorias pedagógicas, recursos metodológicos, prática de regência e início de pesquisa e currículo em educação. É um modo de atrelar o conhecimento biológico com a parte pedagógica e didática.

Também tentávamos aplicar, juntamente com o aprendizado de IPEC, o que era discutido nas reuniões do PIBID. Nessa hora, na hora da regência de fato, lembro que a sensação era de ter esquecido tudo que eu já havia lido, visto e estudado sobre pedagogia, didática, teorias pedagógicas, psicologia do desenvolvimento, Ausubel, Piaget, Vygotsky, Montessori, Saviani, Paulo Freire, bell hooks... lembro que eu me tremia todinha na primeira aula para o sétimo ano. Eu fiquei até zozona de tanto barulho e confusão na sala.

Lembro também que em uma parte da aula em que eu distribuí frutas para todos os alunos, que um deles perguntou “cê tá tremendo, tia?” e sim, como eu estava. que medo, que insegurança, que desafio. Contudo, apesar do medo uma passagem de Freire (1992, p.11) encaixa nessa lembrança “Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer (...)”.

Havia medo, medo de falhar, medo dos alunos não me levarem a sério, medo da situação nova, mas tendo em vista o que eu acredito, o que eu penso da educação, minha esperança, como diz Paulo Freire, tem sempre que vir à frente. Eu tinha que desbravar aquela situação, independente das dificuldades, para que houvesse esperança para mim e para os alunos. Dessa forma, diálogo mais uma vez com Freire (2015, p. 93) o grande pernambucano, “Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, (...) de uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço”. É necessário coragem e enfrentamento no processo educacional.

E pensar que o ensino médio é muito mais aterrorizador. Eu descobriria isso em 2021. O cenário de violência era grande similiar ao que Carolina Maria de Jesus retrata em seu livro (2014, p. 77) “Falavam nas brigas (...) e eu quando ouvi o vai não vai, já fiquei pensando numa briga, porque aqui na favela tudo inicia bem e termina em brigas”. Era triste ver que muitos profissionais ali já tinham “desistido”, se acomodado, como Cortella e Freire citam esse caso de professores em suas obras: não pode ser possível que o desalento vire desencanto e passe a imobilizar (CORTELLA, 2014, p. 19),

Essa postura desanimada é sinal de envelhecimento do espírito inquieto e desafiador que deve marcar a prática pedagógica; essa submissão ao estado das coisas como elas estão é indício de adoecimento da amorosidade compartilhada que insufla o encanto docente (CORTELLA, 2014, p. 19).

É preciso porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (FREIRE, 2018, p. 76).

Nesses trechos os autores nos lembram que o papel do educador é perseverar mesmo com as dificuldades. É preciso que haja resiliência na prática docente.

Tendo em vista essas colocações acima, os comentários sobre os alunos que não tinham mais jeito só conseguiam me provocar tristeza, e eu pensava: são meninos de 11 a 14

anos, como assim todo o futuro dele já está moldado? Apesar de entender que por eles não quererem estudar e estarem cercados de violência à sua volta, em casa e na escola, as pessoas viam aquilo como uma sentença de vida, ao ponto do professor nem dar atenção, nem tentar algo diferente. Infelizmente, eu também entendia e hoje entendo mais ainda o que aqueles professores falavam. O sistema ali da escola era para quem se enquadra, em fazer prova e assistir aula, assistir aula e fazer prova. Salas com grade, escuras ambientes totalmente hostilizados, seguindo o que o padrão que as crianças viam em seus bairros e ruas, violência, tráfico, facções e a pobreza assolando a vida de cada um deles.

Não que ser pobre fosse o problema, o problema de fato era toda a falta de existência e assistência que acontecia ali, toda a marginalização por parte do estado que estava presente e nítido na vida deles. E a escola, na minha perspectiva, naquela época, não estava ali para tentar entender, acolher e promover, a partir daquela situação, o ensino, ela estava apenas para aplicar suas aulas e suas provas, além de protestar e reclamar dos alunos que não prestavam atenção ou “bagunçavam”.

Nas aulas que observei naquela escola, as quais assisti sentada junto com os alunos, não vi nenhum professor tentando articular o ensino a partir da realidade do aluno ou qualquer outro método que não fosse o tradicional, com aulas expositivas. “As dificuldades são tantas em Educação que não temos mais tempo a perder com desvios inúteis. É preciso ir direto ao ponto, é fundamental não perder o foco.” (CORTELLA, 2014, p. 121).

Nas nossas aulas, eu e a Lívia, tentamos quebrar isso, levando figuras de animais e plantas que estavam dentro dos assuntos das aulas, e frutas para eles comerem, para que conseguíssemos interagir com eles. Foram tentativas para a gente produzir algo que parecesse efetivo e que fosse dentro do que nós acreditávamos como possível e como melhor forma de ensino. Além disso, também colocamos algumas músicas, que citavam tipos de frutas e características da vegetação e clima do nordeste, para assim trazer uma proximidade com a realidade, mostrar que o conteúdo de Ciências não é algo abstrato, além do aluno ver que a música estava citando plantas e frutas que eles conheciam, ou seja, existe ciência na arte ou vida na arte.

Desde a disciplina Instrumentalização Para o Ensino de Ciências IV (IPEC IV) e do PIBID, Ausubel, Saviani e Freire sempre me guiaram e isso só foi se concretizando cada vez mais ao longo dos anos. Essa disciplina e esse programa me permitiram entrar em contato com tais referenciais pedagógicos, e em seguida eu os tentava aplicar nas oportunidades que surgiam.

E meu 2019 terminou com várias experiências no campo da música e da arte (por meio do coral) me fazendo perceber, também, a resiliência e a resistência da arte, e como a arte pode e deve ser atrelada ao ensino. Levar músicas, fotos, desenhos, pedir para que os alunos escrevam, componham, desenhem, pintem, cantem, se expressem ou vejam, reconheçam as ciências ou a biologia nas expressões artísticas poderia fazer o aluno se aproximar do que eu quero ensinar e compartilhar, e deste modo poderia gerar significado, reconhecimento e proximidade.

Poderia fazer com que o aluno saísse da violência, se apaixonasse por algo, observasse a arte não apenas como um “hobby”, mas sim uma forma de expressão, independente do que for. A escola e os conteúdos não estão à parte disso, pelo contrário, podem estar atrelados.

Eu e a Lívia tentamos levar um pouco de arte, em nossas aulas no estágio obrigatório, para que não fossem apenas aulas expositivas, e tendo em vista essa visão que relatei aqui. Entretanto, é difícil atrelar essa motivação com o currículo imposto e com as necessidades da escola, contudo, no nosso caso funcionou de forma efetiva pois essas sugestões artísticas estavam alinhadas com o conteúdo do currículo, além de serem uma das ferramentas metodológicas, não era uma aula feita em torno da arte, mas sim a arte estava ali como complemento. Caso a tentativa fosse realmente trazer mais arte e educação, acredito que haveria um embate com o currículo da escola, que segue a Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2019), a qual, para Ciências, é um pouco defasada em relação às Artes.

Não poderia deixar de falar sobre o coral do ICA que me fez perceber a artista que há em mim, que a educação pode e deve ser feita com a presença da arte e, para além disso, me fez aprender e viver tantas experiências. Sou completamente grata pela experiência e eu não seria a cidadã que sou, nem a profissional que estou me formando se não tivesse aprendido e vivido no Coral do Instituto de Cultura e Arte da UFC.

Outrossim, vivi muito na parte do movimento estudantil, aprendi muito sobre lutar pela universidade e pela educação pública de qualidade, que não é e nem deveria ser mercadoria como Paulo Freire nos apresenta quando fala sobre educação mercadológica e bancária, por isto, dessa forma, é válido lembrar sua colocação Freire (1983, p. 56) “o diálogo crítico e libertador (...) tem que ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação.” É o que deveria ser feito nas escolas.

E com o fim do PIBID eu decidi que precisava de mais experiências docentes ainda durante a graduação. E, assim, minha meta se tornou passar na seleção de professor de Biologia de um cursinho pré-vestibular chamado Projeto Novo Vestibular.

Vale ressaltar também que durante um período no meio do ano de 2019 por vários momentos difíceis e reprovações, creio que devido a quantidade de atividades que eu participava ao mesmo tempo, eu passei por um momento de crise: O que estou fazendo? O que eu quero de verdade? Por que eu falhei?

Milhões de pensamentos negativos, vontade de desistir do curso sem saber o que deveria fazer e sem focar, acho, nas coisas mais importantes, estava tentando achar o equilíbrio. Depois de reorganizar tudo, o equilíbrio chegou, alguns ciclos foram finalizados, concluídos e eu me senti pronta para iniciar outro.

E então no final de 2019, depois de uma seleção com prova, regência de aula, análise de currículo e entrevista, eu me tornei a professora de Biologia I do PNV - e uma nova etapa se iniciou para mim do final de 2019 até o início de 2022. O que eu não esperava era que eu passaria os dois anos de bolsa lá durante uma pandemia. Mas ninguém esperava isso.

E como já dito essa foi minha experiência. Foi uma resistência também, permanecer num cursinho que se mantém com pouquíssima ajuda vinda da UFC, durante a pandemia. Um cursinho planejado e montado para aulas presenciais. Como se preparar para o ensino remoto? Pois eu não havia aprendido nada sobre ensinar pelo computador, nem sobre aprender.

Regressando um pouco eu me interessei pelo PNV quando escutei meu professor Roberto falando sobre durante alguma disciplina na graduação. E a segunda coisa que me interessou muito, além da partilha do professor; que sempre me inspirou muito e não é por acaso que ele é meu orientador neste trabalho aqui. Foi que além de ser um treinamento incrível para adquirir experiência em sala de aula e domínio do conteúdo, a abordagem e a metodologia do PNV são para o público de baixa renda, ou seja, educação popular, seguindo bastante as ideias de Paulo Freire, e mesmo sendo um cursinho pré-vestibular, tendo uma abordagem mais humana e fora do ensino tradicional, o tanto quanto for possível.

Possui conjuntamente uma estrutura com coordenação pedagógica, psicológica, administrativa e logística. Além de diversos professores de todas as áreas, todos passando pelo mesmo processo seletivo, todos estudantes de instituições de ensino superior públicas, em sua maioria, licenciandos. Uma oportunidade fantástica, que funcionaria como um treino para eu aprender a ministrar aulas, praticar. Juntamente a isso, ajudar outras pessoas a entrarem na graduação em alguma instituição pública, assim como eu entrei. A aproximação com a pedagogia freiriana me conquistou completamente.

O que para mim hoje fica muito nítido é o meu total verdadeiro desconhecimento da amplitude da profissão docente enquanto estava no ensino médio. Contudo, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece,

ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (LARROSA, 2002). Ter tido as experiências que tive no ensino médio até atualmente na graduação fez com que eu entendesse que muito aconteceu, mesmo sem parecer, e fez com que houvesse diversas mudanças no meu pensamento.

A visão da escola em que eu estudei, por mais humanista que fosse, queria que os alunos, no final, fossem propaganda para eles. Em adição, a visão de que a única forma de ensinar e aprender era a partir do método tradicional; o qual engole o Brasil atualmente, tanto nas escolas particulares como nas públicas. Porque toda a educação parece não fazer parte de um projeto de nação, mas sim o projeto de governo - não de estado - para haver no final lucro para alguém. Seja a escola privada ter mais aprovação e, assim, mais propaganda, mais nome no mercado e mais atrativos; ou então a escola pública conseguindo melhorias (verba) através de seus números em avaliações de aprendizagem (MEC, 2007) e aprovações em universidades. Como uma barganha. Isto posto, nós voltamos, novamente, para o que Freire (2018, p. 27) estabelece:

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer; em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”.

Meus pais se preocupavam que eu tivesse uma educação de qualidade e que não fosse dentro dessas redes/empresas de educação que são mais fortes no Brasil, então creio que apesar da disputa de poder, das podas, eu ainda assim recebi a educação de qualidade e consegui a partir dela entrar na instituição de ensino superior pública que me possibilitou fazer todo esse retorno ao ensino médio e toda essa análise dentro desse viés autobiográfico, retornando aos pensamentos sobre docência e os comparando com os que eu criei durante a graduação.

Nesse contexto, de educação de qualidade, retorno a Saviani (1985, p. 82) em sua discussão “Que é a educação brasileira?” ele cita o seguinte,

Ao perguntar pelo modo como é produzida a educação, obrigamo-nos a historicizá-la (...) em vez de instrumento de superação da desigualdade, a educação, por desconhecer os determinantes inerentes à sociedade que a engendra, acabará por cumprir a função legitimadora da desigualdade. Com efeito, ao supor a desigualdade no ponto de partida e a igualdade no ponto de chegada, estava se pressupondo uma sociedade igualitária na essência e só acidentalmente desigual. Este não é, porém, o tipo de sociedade vigente nas condições brasileiras...

Era essa situação exposta, que observamos em grande parte das escolas públicas brasileiras que meus pais queriam que eu evitasse, e, assim, optaram por uma escola particular. Dita com qualidade, pois não escancara a situação de desigualdade do país.

Entretanto, retornando ao trajeto desse percurso, é válido dizer que isto é uma regressão, ao mesmo tempo que é uma comparação, uma linha evolutiva da Talita pré-vestibulanda, da Talita que percebeu seu próprio sonho e da Talita que agora relembra todas as suas versões anteriores. E essa sequência só reafirma a minha atual posição quanto à educação, e durante minha escrita, durante esse processo todo, o trajeto vai conquistando mais sentido e me lembrando o porquê de estar aqui. E qual é a importância da minha vivência e do meu trabalho.

“Minha preocupação, neste trabalho esperançoso, como tenho demonstrado até agora, vem sendo mostrar, excitando, desafiando a memória, como se estivesse escavando o tempo, o processo mesmo como minha reflexão, meu pensamento pedagógico, sua elaboração, de que o livro é um momento, vem se constituindo” (FREIRE, 1992, p. 65).

Continuidade do sonho

Creio que a última vez que eu escrevi foi sobre o PNV, a experiência que se findou no começo de 2022 quando eu fiz a seleção para a nova professora do PNV entrar, e ocupar uma das vagas abertas, e ela ocupou a minha, infelizmente. Digo isso pois sei que a experiência teria sido muito mais intensa se tivesse sido presencial, mas infelizmente ela foi remota, portanto, promoveu uma vivência que a graduação não poderia proporcionar.

Contando como uma atividade extracurricular pude ministrar aulas e pensar em formas de ensino durante o ensino emergencial remoto. Foi um aprendizado na prática que ninguém sabia ou avisou que aconteceria. Mas, infelizmente também, eu sinto que eu fiquei tão sobrecarregada na época que me recordo muito pouco das aulas online, ou das atividades que eu fazia no cursinho, tenho a sensação de que meu cérebro realmente apagou essas informações. Digo isso praticamente do ano de 2021 inteiro. Mal me recordo. Lembro mais de 2020, que foram meses dentro de casa, meses com medo de contrair a doença e meses sem estar de fato produzindo algo, ou com a sensação disso.

Apenas no final do ano que as atividades voltaram. Voltei a fazer parte de bolsas, o PNV se reorganizou, a Residência Pedagógica começou, também vivenciei uma bolsa IC nessa época na área de Fitoecologia, mas não obtive quase nenhum aprendizado ou

experiência devido a própria pandemia mesmo, afinal, como sair de casa? Como encontrar as pessoas? Como ter a vivência de fazer parte de um laboratório e fazer coletas em campo?

Junto a esse caos mais a tentativa de retorno e ao passo da vontade de não me sentir parada, de estar fazendo algo, aprendendo, aproveitando o tempo; eu voltei a ler muitos livros e a participar de diversos eventos, oficinas, cursos, minicursos online. Tudo em prol de sentir que estava fazendo algo. Não vejo, hoje, como algo saudável, acho que eu queria me sentir em movimento, já que nada mais poderia ser controlado.

Sono desregulado, alimentação mudada, crises de ansiedade, reger aulas num novo projeto (PRP), concomitante às disciplinas e ao PNV, vários cursos e minicursos e ainda flertar virtualmente. E tentar não brigar sem parar com meus pais. Tempos difíceis.

É estranho perceber que passou, que a experiência de viver hoje, de sair de casa já voltou ao normal, mas nunca foi e nunca mais será como antes. Seja pelo simples gesto de sempre imaginar a gama de germes que passam pela minha mão durante o dia, e a primeira ação quando se chega em casa é a de lavar as mãos e deixar os sapatos fora de casa. Da mesma forma que ensinar Biologia, ensinar microbiologia nunca mais foi a mesma prática. Eu ministrei aula de vírus algumas vezes durante o isolamento social, tanto no PNV quanto na PRP. E que experimento desvairado.

Pouco antes da pandemia começar eu havia lecionado no PNV aulas exatamente sobre vírus, mas nesse caso, no início de 2020 já havia o burburinho do coronavírus circulando as conversas e perguntas na sala de aula. E naquele período pré-pandemia nós não tínhamos muitas informações assertivas. Lembro que me perguntaram durante uma de minhas aulas presenciais no PNV se seria muito ruim caso a doença chegasse ao Brasil, e eu respondi o maior absurdo de todos: que não, não seria por causa do nosso clima tropical. Repeti algo que escutei de uma colega da faculdade que estudava microbiologia. Confiei em uma informação sem fonte muito confiável. Mas acredito que não havia como ter certeza de realmente quase nada antes do horror começar. Nunca havíamos passado por algo assim. E nunca havíamos passado por algo assim e nem com o tipo de governo que estava chefiando o Brasil.

Paulo Freire, em *Educação como prática da Liberdade*, traz uma passagem de outro contexto que encaixa perfeitamente aqui, na minha narrativa,

Vivia o Brasil, exatamente, a passagem de uma para outra época. Daí que não fosse possível ao educador, então, mais do que antes, discutir o seu tema específico, desligado do tecido geral do novo clima cultural que se instalava, como se pudesse ele operar isoladamente. E que temas e que tarefas teriam sido esvaziados e estariam esvaziando-se na sociedade brasileira de que decorressem a superação de uma época e a passagem para outra? (FREIRE, 2015, p. 46).

Nunca tinha sido uma universitária antes, de fato começando sua carreira docente e que se depara com um vírus novo, uma pandemia, um enclausuramento social, e a continuação de tudo, ou a tentativa, de forma remota. Juntamente com um governo genocida em vigor. E assim tudo que eu li de Anne Frank, esse ano, no início do processo desse texto se fez muito enfatizado. “Pense só, ter que ficar num terror desses durante dia e noite” (FRANK, 2013, p. 283).

Eu lia as palavras de Anne, escritas assim na simplicidade da memória e da reflexão, durante um isolamento forçado e assombroso o qual ela viveu, similar a essas minhas palavras, se me atrevo a comparar com a senhorita Frank. E eu revivia o horror passado em 2020 até 2022. Relembrava as aulas de história na escola, aquelas que pareciam arte e eu tanto amava, e chorava, pensando o quão destruidor foi a Segunda Guerra Mundial e o quanto as ideias nazistas e fascistas ainda reverberam por aí, independente de todo o estrago causado.

(...) Como as mulheres ficam apavoradas durante os ataques aéreos (...) Os médicos não podem visitar os pacientes, pois seus carros são roubados no momento que viram as costas; roubos e assaltos são tão comuns (...) crianças pequenas, de 8 e 11 anos, quebram os vidros das casas e roubam o que podem. As pessoas não ousam sair de casa por cinco minutos.

Como não ver meu trabalho se alinhando naquela leitura que eu fazia por prazer? Por causa de um Clube do Livro? Como não ver sentido para minha prática pedagógica dentro do Diário de Anne Frank? Se eu estou aqui viva hoje escolhendo ser professora eu tenho que me propor a fazer alguma diferença, a passar o que eu penso, reflito e critico adiante, para que meus alunos possam pensar por si só e criticar e refletir em cima da realidade que eles observam, seja ela qual for.

De repressão escolar, como analisava bell hooks (2017), de apagamento da nossa origem natural, como diz Krenak (2019), de violência cotidiana, como traz a maravilhosa Carolina Maria de Jesus (2014), de mudança a partir da realidade como Cortella (2014), Paulo Freire (2018), Gadotti (2006) e Saviani (1991) trazem... Como não ligar os pontos dessa maneira? E como não continuar assim, com o sonho de Talita, vivo? Por mais assustador, horrível e desafiador que o cenário seja.

Afinal se não for assim, qual o sentido das palavras que escrevo?

Algo que eu acho engraçado lembrar, apesar de não ter certeza se essa lembrança se encaixa aqui, é que por alguma razão inexplicável, talvez goste mesmo, eu sentia, isso no Ensino Fundamental II. Acredito que na sétima série, eu sentia que a escola era meu lugar. Eu

me via feliz ali, e achava estranho imaginar um depois, o que é um depois? Uma vida sem aquela rotina? Sem escola? Sem ter que estudar? Para mim não encaixava de forma alguma. Por pior que fosse inúmeras questões da escola, eu gostava. Gostava de assistir aula, gostava de aprender. Eu via sentido naquilo.

Eu reparava nos professores, no que eles falavam, na importância de Geografia e História, e começava a ver que aquilo que eles nos ensinavam tinha conexão com notícias apareciam em jornais e nos assuntos que meus pais comentavam. Eu sabia que minha mãe trabalhava com literatura e que meu pai utilizava Matemática e Física e Química nos projetos e na manutenção de equipamentos da engenharia que ele fazia e que gerava o salário dele. Eu notava que minha tia também estudava e ensinava História Antiga para os alunos dela, dessa forma comecei a entender que história também era falar sobre “hoje em dia”. A Biologia para mim explicava muito sobre o mundo “científico”, sobre animais, natureza, nosso corpo e doenças. Eu conseguia ver uma ligação com a vida fora da escola com aquilo que era ensinado lá. Eu conseguia ver nas frases do cotidiano, em inglês e português, aquelas regras que a gente estudava em gramática. Eu adorava e adoro até hoje, escrever e interpretar.

Essa associação da utilização dos saberes no cotidiano que eu relembro de fazer e relato aqui de modo retrospectivo remonta o que Saviani (2000, p.91) coloca:

Elaboração do saber não é sinônimo de produção do saber. A produção do saber é social, se dá no interior das relações sociais. A elaboração do saber implica em expressar de forma elaborada o saber que surge da prática social. Essa expressão elaborada supõe o domínio dos instrumentos de elaboração e sistematização. Daí a importância da escola: se a escola não permite acesso a esses instrumentos, os trabalhadores ficam bloqueados e impedidos de ascenderem ao nível da elaboração do saber, embora continuem, pela sua atividade prática real, a contribuir para a produção do saber.

Eu tinha a capacidade de fazer algumas dessas elaborações que Saviani propõe, pois meu colégio promoveu isso, assim como minha convivência social, agora acredito que isso não é regra, pelo contrário. Parte da população brasileira não recebe tais instrumentos na escola que possibilitem a elaboração do saber, o saber sistematizado continua a ser propriedade privada a serviço do grupo dominante (SAVIANI, 2000, p. 91).

Finalizando a retrospectiva: eu achava incrível ler um livro que minha mãe já havia me falado sobre, assim como eu também adorava ver o livro não como algo que a gente precisa saber da época, do movimento, do estilo literário e de quem o escreveu, mas apenas como um livro que iria me entreter e fazer viajar por algumas horas.

Por conseguinte, eu gostava de me destacar. Desde o feedback positivo lá na segunda série, quando a professora Arlete (eu acho que esse era o nome dela) falou para meus pais que eu tirava notas boas e eu fiquei contente com aquilo. Eu podia não ser boa em esportes, não ser tão alta e também não ser a mais bonita da turma, mas uma das mais inteligentes eu era. E eu gostava disso, era uma qualidade para mim.

E, assim, retornando ao meu gosto pela escola, e em não me ver longe desse lugar, acho tão incrível isso, pois somente alguns anos depois que eu passaria a me ver como professora, e entender que eu não iria me distanciar mesmo da escola, que eu iria voltar, mas como professora, e observar toda aquela interação de crianças e adolescentes, toda aquela rotina escolar novamente. E assim, tudo fez sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SONHADORA

Posso concluir, pelas minhas memórias e experiências, tanto no ensino médio quanto na graduação, que houve um desenvolvimento muito natural e gradual da minha ideia de profissão e da minha ideia do que era, do que eu gostaria de ser e do que é ser professor. Ademais, o contato com experiências extracurriculares foi fundamental para eu ter embasamento, para eu ter vivência e para eu conhecer outras realidades e perspectivas. Olhar o mundo, a gama de oportunidades, com outras lentes.

Por conseguinte, percebo que a Universidade pública promoveu uma vivência de diversas situações que acredito serem essenciais para um cidadão brasileiro, e para alguém que se propõe a fazer a diferença na sociedade, a tentar contribuir com o propósito de conhecer novas crenças, conhecer novos pensamentos, estudar com qualidade (sem ser algo mercadológico) com embasamento.

Obviamente a vivência universitária, a vivência estudantil na faculdade se propõe a ter muito mais atividades do que apenas assistir aulas para fazer trabalhos e participar de laboratórios, por exemplo. É toda uma gama de atividades que fazem o universitário realmente deixar o Ensino Médio, viver a faculdade, viver esse período da juventude, se formar como um cidadão, como um biólogo ou como uma professora de Ciências e Biologia e conseguir, assim, ter uma vivência ampla para se formar e passar para o próximo sonho.

Portanto concluo que o meu encontro com a docência não foi por acaso, veio daquela menina que observou a complexidade e complicação na política brasileira e decidiu que queria fazer algo. Como cidadã precisava fazer algo que contribuísse socialmente para minha nação, e achei na Biologia, nas ruas sujas, no meio ambiente sendo degradado e engolido pelo capitalismo, minha chama de mudança, pois sem meio ambiente não tem como a vida continuar, não da forma que conhecemos hoje. Então isso urgiu e urge para mim diariamente, e apesar de não ter me transformado de fato na ecóloga que ia mudar o mundo e salvar os animais, eu me transformei na professora freiriana que quer transformar, frutificar mentes em cada sala que entrar, para que assim, aos poucos, a sociedade seja transformada, sensibilizada, e a gente abra o paraquedas como o Krenak fala, para que nossa passagem aqui nesse meio, por mais modificado e atribulado que esteja, seja leve, e a gente adie para nós mesmo e para os outros esse fim do mundo.

Posso acreditar que já havia uma sementinha, um sonho, dentro de mim. Aquela garota que em 2016 recebia uma enxurrada de conteúdo, como revisão, para concluir o terceiro ano, “passar no ensino médio” e adentrar em uma faculdade; enquanto observava a

política do Brasil se assimilar a uma “balbúrdia”, a Dilma ser impeachmada, a votação no congresso ser mais desorganizada do que minha sala no colégio resolvendo como seria nossa apresentação na Feira das Nações; não tinha conhecimento que aquele projeto que iniciava ali, de desmonte político, atingiria tanto minha graduação, que eu viveria um período marcante não só por ser universitária nos próximos anos, mas por ser uma licencianda, numa universidade pública de Fortaleza, no estado do Ceará, durante o bolsonarismo e durante a pandemia de Covid-19.

Dessa forma, após todos esses acontecimentos e reflexões, apenas consigo concluir que todas estas experiências narradas me transformaram na docente que sou hoje, com o olhar para uma educação que é sim disputada, que é sim política. E que deve resistir. A luta por melhorias salariais e pela infraestrutura nas escolas deve continuar. Para formar, informar e dar criticidade ao nosso povo, que hoje, infelizmente, sua maioria vive em situações degradantes.

A licenciatura promoveu essa virada de chave, de perspectiva, e principalmente, as experiências extracurriculares fizeram com que eu visse a importância do que é ser professor. Fizeram com que eu me interessasse em ter mais vivências desse tipo e que eu buscasse aprender, e buscasse não ficar restrita a grade curricular, presa, mas que expandisse meu leque de oportunidades já na graduação. Então eu acredito que essas experiências, mais as disciplinas fora da Biologia, mais as IPECs, (que são específicas para o ensino, nos oferecendo a possibilidade, dentro do curso, com os professores e alunos do curso, de termos as discussões sobre o ensino de Ciências e Biologia) promoveram todas as análises aqui citadas.

Acredito que minhas experiências foram essenciais para, de fato, me proporcionar a vontade de pesquisar sobre educação, de conhecer os teóricos da educação, de fazer essa ligação entre eu na universidade - eu na escola pública, eu como aluna - eu *treinando* para ser professora (aprendendo - de fato não é vocação), como atrelar o conteúdo biológico com minha prática de ensino, minha prática docente.

A conclusão é que conhecer a realidade da educação brasileira e conhecer os teóricos da educação foram essenciais para eu mudar meu ponto de vista sobre a educação e querer fazer parte desse grupo tão grande e tão diverso de profissionais que trabalham com educação, de professores, de educadores que tentam fazer a diferença no Brasil e tentam contribuir de alguma maneira para o ensino das novas gerações.

Portanto, deixo registrado a relevância de fazer um trabalho autobiográfico, assim pude perceber a riqueza das minhas vivências durante minha formação docente e como elas podem e puderam dialogar com a literatura existente no campo da educação.

Por fim, percebo que durante a escrita desse trabalho algumas questões ficaram em aberto e outras não puderam ser tão bem desenvolvidas, como algumas discussões sobre o currículo de ciências, o ensino tradicional, a educação bancária, a importância dos programas institucionais, a educação ambiental, entre outros. Desse modo, creio que devo continuar minha trajetória docente, na construção de mais um sonho, possivelmente “O Segundo Sonho de Talita - a pós-graduação em Educação”, assim como buscar publicações com este trabalho, além de continuar estudando os vários autores usados aqui como referencial teórico e também atuar como professora na educação básica pública. Acredito que ainda tenho muitas experiências e histórias a serem vividas, narradas e escritas, de forma reflexiva, crítica e transformadora.

EPÍLOGO

Oi vó!

É tão doido ao mesmo tempo que é tão normal continuar vivendo sem a sua presença no mundo.

Eu amo tanto você!

Lembro de você com frequência e às vezes me perco no seu não existir nesse vazio que fica e domina, escrevo esse TCC.

com o sentido de fazer o que preciso e sabendo o orgulho que você sentiria amo você

E só sua lembrança já me guia por aí.

Ainda me guia.

Mas às vezes é estranho pensar que antes você estava aqui.

Existia para fora de mim.

E agora você não está mais aqui e existe em mim

E em cada um que você marcou.

É difícil.

Queria ter certeza que você está no céu, e queria poder a qualquer momento ir aí te dar um abraço.

E escutar você me perguntar:

vou dar um cheiro nesse cangote, hein?

mas não tem como, agora.

E a gente aprende isso.

Tenho falado mais com a vó Ana agora. Tenho tentado demonstrar mais meu amor por todos, mandar mensagem para todos

Maíra, Gi, Stefany, Sandra, Thamires, tias, Gih, amigos.

falar para o papai que o amo

apesar de ser difícil falar isso.

Ele tem ido ao centro espírita e eu tenho rezado.

escrito

meditado

e do jeito que dá me cuidado

cuidado
médicos, exercícios, comidas, água, caminhadas, sono
tá vagaroso.

mas está, também, por você
vó.

Amo você vovó Tina.

esse TCC também é para você.

E eu sou para sempre sua netinha caçula branquinha que te amará infinitamente até eu também não existir mais.

Que preguiça de encarar o trabalho, que desânimo de fazer o que precisa ser feito

Procrastinar é adiar o sucesso

E quanta culpa e ansiedade, enganações durante esse texto, angústia

Mas no final tenho que ter fé em mim e me propor a fazer. porque talvez de fato não seja perfeito. mais foi feito. E me dá a oportunidade de seguir em frente, em novos caminhos pela docência, pelo estudo, pelo meu acréscimo, minha parte nesse mundão.

Espero que daqui uns anos, quando eu ler esse trabalho novamente, eu ria desse desabafo final e espero também ter seguido, ter continuado e ter mudado alguns habitozinhos por aí.
Obrigada você, que leu até aqui.

Akrasia

O homem é animal de hábitos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto n. 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 jun. 2010. Seção 1, p. 4. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm#:~:text=DECRET%20N%C2%BA%207.219%2C%20DE%2024,vista%20o%20disposto%20no%20art. Acesso em: 27 jun. 2023.
- BRASIL. Portaria n. 38, de 28 de fev. de 2018. Institui o Programa de Residência Pedagógica. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/28022018-portaria-n-38-institui-rp-pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- COHEN, Jeffrey; SILVA, Tomaz. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Pensatas pedagógicas**: nós e a escola: agonias e alegrias. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.
- FRANK, A. **O diário de Anne Frank**: edição integral. 23ª. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 15ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: A Educação Como Prática da Liberdade. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10ª. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEHER, Roberto. **Autoritarismo contra a Universidade**: o desafio de popularizar a defesa da educação pública. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5ODzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 junho 2023.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em revista**, v. 31, p. 17-44, 2015.

MEC. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2019. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> >. Acesso em: 29 de junho de 2023.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. ; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 1. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A DIALOGICIDADE NA EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE E NA PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, v. 7, n. 4, p. 228-253, jul. 2017.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu Nas Escolas**: uma proposta educacional antirracista. Contagem, MG: Escola Cidadã, 2021.

RODRIGUES, Diego Adaylano Monteiro; LEITE, Raquel Crosara Maia. **Entre Margens**: A emergência de feiras de ciências sobre educação ambiental. Curitiba: Crv, 2019.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 5a ed. São Paulo, SP: Autores Associados, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1991.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala**: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. São Paulo: Companhia das letras, 2019, 342 p.